

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 6 n.ºs	N.º à entrega	36.º Anno — XXXVI Volume — N.º 1235
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	650	120	20 de Abril de 1913
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	—	—	
Estrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	—	—	

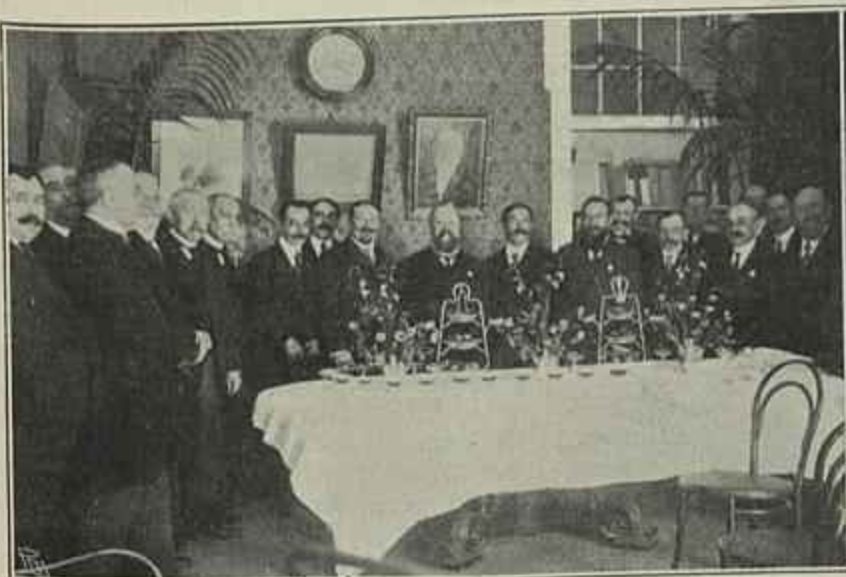
Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.

A Missão Francesa Mascuraud, em Lisboa



V Mr. Mascuraud

A Sr. H. de Mendonça



PASSEIO NO TEJO A BORDO DO «ATALAYA» ONDE FOI SERVIDO O ALMOÇO OPERECIDO PELA ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL DE LISBOA
— VISITAS DA MISSÃO A CAMARA DE COMMERCIO FRANCESA E A FABRICA DA NOVA COMPANHIA NACIONAL DE MOAGENS
Veja Cronica Occidental

CRONICA OCCIDENTAL

Com sumo prazer aqui registramos a impressão gratíssima que nos deixou no espirito, a estada dos excursionistas francezes, nesta linda urbe do marmore e do granito. O aneio e o entusiasmo com que eram aguardados, justificaram se plenamente.

E neste momento triste em que nos sentimos rudemente atacados, sob varios pretextos e por motivos varios, pela imprensa estrangeira — especialmente pela imprensa da nossa aliada Inglaterra — servem-nos de refrigerio as palavras calorosas de estima e apreço que proferiram os turistas da missão Masceraud.

Efectivamente, as campanhas de descredito, no estrangeiro, contra Portugal, atenuadas, por um momento, parecem agora recrudescer na enevoadada Albion.

Ha semanas, quando nos caiu sobre a mesa de trabalho, um folheto intitulado *Alma negra*, previmos logo o escandalo que iria incender nos animos patrioticos da nossa gente. Porque — é necessario que se diga — os factos, verdadeiros ou falsos, que o folheto aponta e justificada ou injustificadamente verbera — a apreciação não nos compete — decorridos no ano de 1907, vêem á tela da discussão precisamente nestes instantes dolorosos em que se desbragam e desenfreiam, nas estranhas, acusações tremendas, e diatribes ameaçadoras.

Tudo conjura e se coliga, na nevoa, para nos atacar.

E' vergonhoso de dizer-se, mas é certo — a intervenção estrangeira nos negocios internos de Portugal é um papão feio e rebarbativo com que andam, ha muito tempo, a acenar-nos e a atemorizar-nos. E se Portugal soube, outr'ora, mostrar-se grande e destemido como um heroe, é, por vezes, pequenino e tímido como uma creança.

Alguem disse já que a nossa aliança com a Inglaterra não tem aquela consistencia que muitos portuezinhos ingenuos lhe querem atribuir.

Esta opinião é confirmada, dia a dia, por uma leitura intelligente das gazetas politicas inglesas.

A proposito da negregada a questão de S. Thomé, lá se aventa, a miude, que a «Inglaterra não pôde ter alianças com um paiz que permite a escravatura». Escravatura!

Quando lemos isto, ocorre-nos involuntariamente alguns versos vibrantes de Guerra Junqueiro e uma sátira jocosa de Gomes Leal...

E não é sómente a questão já tão debatida e espolhada de S. Thomé que açula as atenções e as iras das estranhas contra nós — pobres entes da terra «vis e tão pequenos»...

Os estrangeiros, de atalaia, espiam e coscovilham os minimos acontecimentos que afinal só dizem respeito ao nosso equilibrio interno politico e social.

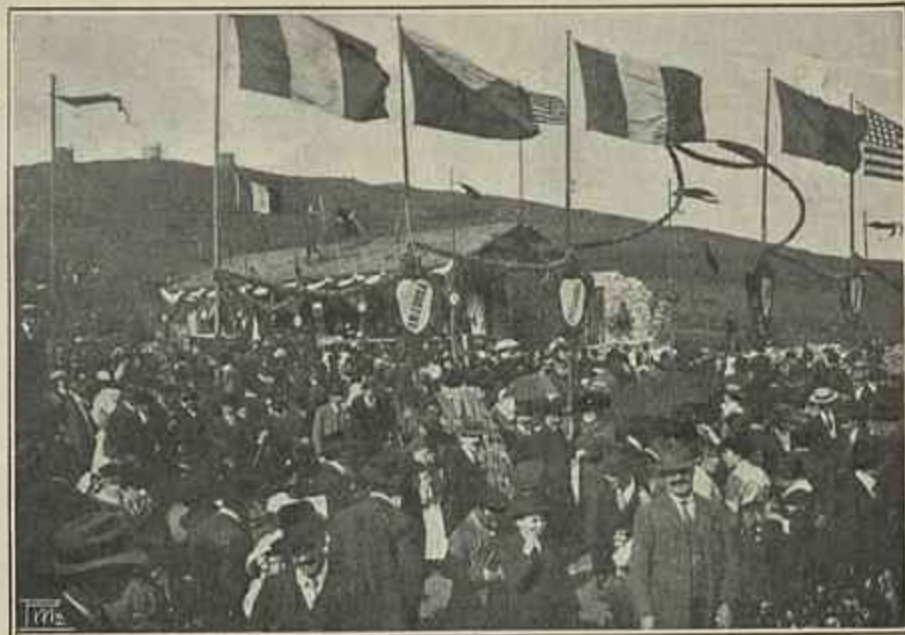
Nestas condições, pois, as boas palavras dos turistas francezes que por aqui traçaram itinerario, deixaram-nos na alma uma impressão gratíssima de simpatia por essa França bizarra e amavel.

Aportaram os senhores turistas a Lisboa no dia 9 do mês decorrente.

O encanto e admiração que sentiram, ao avistar a nossa capital — uma das mais lindas capitais da Europa — soube nitidamente e graciosamente exprimir-os na festa realisada pela Camara Municipal, Mr. Masceraud.

Lisbôa — cidade das sete colinas, que uma lenda longinqua diz fundada pelo erratico Ulysses, suspensa sobre as aguas límpidas do seu estuario, com as suas casas brancas e praças e jardins de rosas e camelias — foi visitada, norte a sul, com carinho e entusiasmo pelos nossos hospedes.

O dia 10 foi impertinentemente chuvoso. Mas quem passasse nesse dia, pela 1 hora da tarde na Praça dos Restauradores ou Rocio, seria impressionado pelos aprestos cuidadosos duma excursão aos ar-



INAUGURAÇÃO DO BAIRRO PARQUE DA AMADORA

redores desta cidade. E' que era por essa hora que uma escalada se combinava ao castelo sobranceiro da Pena.

A chuva minguava. O ceu esclarecia.

E os automoveis precipitavam-se por curvas e rampas. Excursão de maravilha!

A vegetação desabrolha profusamente pelas margens das estradas.

E lá, acima, o Castelo ergue-se dominando absolutamente a Amplidão.

Eis, Cintra! — é a palavra que num instante assoma a todos os labios e se reflete num encantamento em todos os olhares.

Sim, é Cintra — esta Cintra tão decantada pelos poetas, endeusada na poesia altíssima dum Byron.

Foi ali, defrontando com o Castelo da Pena, que o grande musico e dramaturgo Richard Strauss, exclamou num rasgo epico de entusiasmo:

— Este é o verdadeiro jardim de Klingor; e lá no alto está o Castelo do Santo Graal.

Não deixaram de visitar tambem os nossos monumentos — os Jeronimos — esta nau talhada em pedra — como alguem disse — simbolisadora da mais heroica façanha da historia portugueza — o Museu dos Coches — o Museu de Arte Antiga, de que já falámos, neste mesmo lugar, detidamente e enlevadamente.

No ultimo dia de estada em Lisboa, dia suavissimo, ceu serenissimo e lindo donde caíam, em halitos, chuvas de rosas fluidas, realisaram, no *Atalaya*, a convite da Associação Comercial, um passeio festivo pelo rio, por esse Tejo glorioso «cujas aguas palhetadas de ouro deslisam entre duas florestas de flôres!»

• •

Não devemos finalizar, sem nos referirmos, inda que levemente, á grandiosa festa levada a efeito, pelo dia 13 deste mês, na Amadora. Foi, na verdade, indescriptivel de entusiasmo, realisada com exito fóra de toda a expectativa, satisfazendo plenamente aos numerosissimos visitantes que a ela concorreram e á benemerita Comissão que a organisou.

E' notavel como esta povoação, a Amadora, a pobrissima Porcalhota de outros



NA AMADORA, UM ASPETO DO CORTEJO

tempos, se tem desenvolvido, dia a dia, e progredido de tal forma que assombra quem não conheça a admirabilíssima actividade dos seus habitantes. Todavia, assim é.

O dia era delicioso. Os atractivos da festa e as sugestões deste belo dia, arrastaram até lá uma concorrência extraordinária que apinhou os comboios e regorgitou essa bonita localidade. O programa foi cumprido rigorosamente.

A's 7 horas da manhã foi distribuído um bôdo aos pobres. Ao meio dia, começou a organizar-se um longo cortejo que aguardou, num entusiasmo ardente, entre vivas e exclamações, e num esfuçamento incontinuo de foguetões, a che-

patria, a quem Livingstone havia patenteado eterna gratidão pelo auxilio valiosissimo que recebera dos portuguezes durante as suas arriscadas viagens.

O elogio do grande missionario foi feito por *Sir Harry Johnston* que poz em relevo os serviços que este prestou á humanidade e á sciencia geographica, e sobre tudo á questão da escravatura. Livingstone, disse-o *sir H. Johnston*, claramente manifestou a sua gratidão pela hospitalidade dos portuguezes e pelo auxilio que lhe foi prestado quando se achou em precaria situação na fronteira d'Angola.

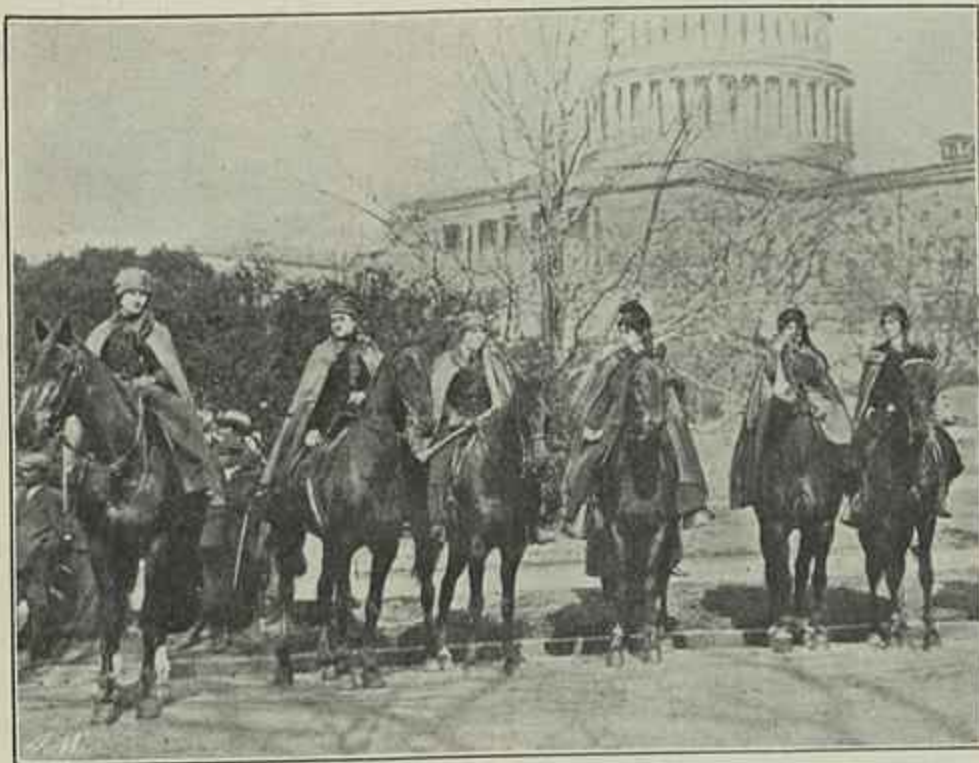
«E' preciso não esquecer — diz o *Jornal do Commercio* de 8 do corrente —

Este heroico africanista falleceu em *Old Chitambo*, perto do *Lago Bangueolo*, em 1 de Maio de 1873. Ali foi sepultado o seu coração. O corpo foi trasladado para *Westminster Abbey*.

Os dois monumentos ligam eternamente a patria dos Livingstone ás suas ricas possessões da Africa Central.

As *suffragistas* inglêsas teem ultimamente provocado uma serie ininterrupta de manifestações de caracter verdadeiramente grave, com o fim de embaraçar a marcha administrativa do governo, que não está por emquanto decidido a conceder-lhes o direito do voto, se bem que no seio do gabinete de *Asquith* haja alguns apologistas das reivindicações feministas, que, no entanto, estão longe de conquistar o apoio da maioria da nação. Muito ao contrario, em face dos actos de extraordinaria violencia por ellas praticados, e que representam enormes prejuizos, o povo britannico começa a revoltar-se contra as feministas, cujos actos de vandalismo attingem as raias da loucura. Casas incendiadas e arremessadas pelos ares com bombas, caixas de correio destruidas com toda a correspondencia, damnos irreparaveis nos jardins de *Kiew* e em outros pontos, tudo isto tem dado que pensar ao sisudo povo inglêz, cuja tolerancia tocou os seus limites com respeito a essa anarchica campanha do *vote for women*. Por isso a justiça se decidiu a punir severamente taes desmandos e *Lady Pankhurst*, a dirigente d'este extravagante movimento, teve que soffrer a condemnação assaz grave de tres annos de prisão, a que ella vae oppôr-se pela greve da fome, isto é a abstinencia até á morte por inanición, vendo-se o governo obrigado a alimenta-la á força, a exemplo do que tem succedido com outras damas da mesma seita.

Mais prudentes são as suas collegas americanas que já gozam do direito de voto em nove dos trinta e nove *Estados Unidos da America do Norte*. Ainda no dia 3 de Março, no dia da entrada do presidente *Wilson* no seu palacio de Washington, ellas organisaram um estrondoso cortejo de 6:000 suffragistas, em que até figurava uma *brigada a cavallo*, assaz curiosa, pois mostra-nos que as americanas em assumptos de equitação egualam-se ao sexo forte.



BRIGADA DE CAVALARIA DAS SUPRAGISTAS NORTE-AMERICANAS QUE TOMARAM PARTE NAS FESTAS DE WASHINGTON

gada do Chefe do Estado. Os carros caprichosamente adornados davam um tom pitoresco áquela mole enorme e move-dição de gente. O galreio das creanças das escolas pairava no ar numa alegria irresistível.

Por ultimo, foi inaugurado solenemente, o Bairro-Parque da Amadôra, por sua Ex.^a o sr. dr. Manuel d'Arriaga.

ANTONIO COBEIRA.

PELO MUNDO FÓRA

A grande nação britannica prestou em 19 de Março preito de profunda veneração á memoria do celebre explorador missionario e philanthropo *Dr. David Livingstone*, cujo centenario do nascimento (19-3-1813) se commemorou na cathedra de S. Paulo e na Real Sociedade de Geographia, sob a presidencia do ex-vice rei da India, *Lord Cruzon*.

A essa homenagem assistiu a viuva de *Stanley*, tendo tambem sido convidado o nosso ministro em Londres, sr. *Teixeira Gomes*, visto tratar-se d'uma manifestação altamente honrosa para a nossa

que o grande explorador avançou em 1853 de *Linyante*, capital dos makololos sobre o *Chobe*, e, subindo o *Zambeze*, encontrou-se no principio de 1854, no lago *Dilolo*; cruzou o *Cuango* em Abril e entrava em *Loanda* a 31 de Maio d'aquelle anno, meio morto pelas febres, anemia e dysenteria.

Se não fosse o auxilio dos portuguezes, o insigne explorador teria provavelmente morrido na travessia do *Alto Zambeze* para o *Cuango*, e o seu nome mal se conheceria na historia dos descobrimentos africanos. O desaparecimento do grande viajante, por doença ou por ataque do gentio, seria hoje um facto se não fosse a intervenção do sargento da força portugueza, na margem occidental do *Cuango*, protegendo Livingstone na passagem do rio, tratando-o com toda a hospitalidade e indicando-lhe o caminho para a costa, depois de salvo e bem provido, para acabar a sua viagem para oeste.

Livingstone partiu para Africa em 1840, em 1852 subia o *Zambeze* até proximo da origem e descobria os afluentes do Congo. Descobriu os lagos *Moreo* e *Banguelo* e o rio *Lualaba*, percorrendo em toda a Africa mais de 48:000 kilometros. E' largamente conhecida a historia do encontro de *Stanley* com Livingstone.



O ARQUIMILIONARIO MR. J. P. MORGAN

A America do Norte é o paiz extraordinario, onde tudo sae fóra dos limites conhecidos cá pela Velha Europa. Ali se vêem as maiores fortunas do mundo e ali se deparam as scenas de mais commovente miseria e se patenteiam os actos de mais rasgada philantropia.

D'elles foi exemplo retumbante o celebre archi-millionario *John Pierpont Morgan*, que em Rockefeller e Vanderbilt formara essa dynastia dos poderosos da finança americana. P. Morgan, o maior banqueiro do mundo, morreu em Roma, em 30 de Março, com 75 annos, pois nasceu em Hartford em 17 de Abril de 1837. Sua familia era originaria de Inglaterra e possuia avultada fortuna, dando-lhe esmerada educação. Estudou em Boston, em Göttingen (Allemanha) e aos 20 annos entrou na casa bancaria de seu pae em Londres. Pouco depois foi correspondente da mesma casa em Nova York onde fundou o banco *Dabney Morgan and C.^a*. A sua situação consolidou-se com a construcção dos caminhos de ferro. Associando-se com Rockefeller e *Carnegie* organizou os afamados *trusts* do aço, do ferro, da carne, do petroleo, do carvão de pedra e das companhias de navegação.

Morgan era o principal accionista de 13 empresas industriaes, 7 casas bancarias, 3 companhias telegraphicas, 7 companhias de seguros e uma companhia de navegação. A casa Morgan valeu á França, por occasião do desastre de Sédan, com um emprestimo de 45 mil contos!

Morgan tinha o seu cofre de *Wall Street* seguro contra fogo em condições taes que só podia ser aberto a determinada hora, na presença d'um representante da *Safe Deposit Company*, em cuja séde ha um mostrador que liga com o cofre. Se algum tentar abri-lo fóra da hora combinada, o apparelho electrico faz alarme, e, immediatamente, o guarda da campanha avisa o posto de policia mais proximo! De maneira que o dono do cofre, se tiver vontade de examinar o seu conteúdo, quando lhe der *na gana*, vê a sua casa invadida pela auctoridade, que vem á busca do gatuno.

E' um grande tyranno, o dinheiro! Sobretudo quando elle attinge assim a bagatella de *cem mil contos*, que dizem ser a fortuna de Morgan. Ninguem como elle fez tão boa applicação da sua immensa riqueza, na fundação de instituições philantropicas, como o hospital de Nova York e o *Instituto Negro de Tuskergeel*, fundado por Booker Thomas Washington. Morgan fundou uma assistencia para os seus 250:000 operarios e empregados de escriptorio; sustentava 300 asylos de pobres.

Consumiu uma grande parte da vida e da fortuna na organisação de maravilhas d'arte, objectivo das suas demoradas digressões pela Europa, nomeadamente pela Italia e pela França. Esta

nação deve-lhe uma riquissima collecção de pedras preciosas, além d'outras offeras importantes.

John P. Morgan esteve na nossa ilha do Fayal quando tinha 16 annos. Ali se restabeleceu d'uma grave affecção nervosa resultante da excessiva applicação ao estudo. O nosso compatriota, sr. J. Emerson Ferreira, açoriano distincto que viveu nos E. Unidos de 1873 a 1902 e que conheceu muito de perto o archi-millionario Morgan, conta, no *Primeiro de Janeiro* do dia 4 d'este mês, que a



S. M. AFFONSO XIII DE ESPANHA

seu pedido o grande bemfeitor mandou por cinco vezes navios da *Dominion Line* tocar naquelle porto, tendo que desistir por não haver movimento commercial, e que ha sete annos o seu amigo Morgan, viajando no *Celtic*, da *White Star Line*, com 1:300 passageiros, nenhum dos quaes açoreanos, fêz com que esse vapor aportasse ao Fayal. Morgan e o sr. Ferreira foram então de visita a uma casa, a primeira construida por um americano nos Açores, onde aquelle estivera hospedado aos 16 annos.

Tudo estava mudado; mas quiz vêr o quarto que tinha então occupado e lá foi.

«*Our lives are nothing*» — as nossas vidas não são nada — e com o lenço varreu das faces as lagrimas que a saudade de dias livres de responsabilidades lhe trazia. Era o lado terno e sensível do homem que nas maiores transacções financeiras do seculo não permittia sentimentalismo.

Morgan falava correctamente o francês, o allemão e o italiano, conhecia o latim e o grego, e revelou-se grande mathematico.

Entre os seus rasgos a favor da instrucção destaca-se a fundação d'um edi-

ficio para escola primaria em N. York, que lhe custou 687 contos.

Deixa viuva, tres filhas e um filho, que lhe succede na gerencia da colossal fortuna, que nos ultimos annos produzia um rendimento de *cinco a sete mil contos!*

Attrahidos por estes numeros espantosos, ficámos de tal modo maravilhados que não demos pelo espaço consumido nesta secção, sem darmos conta da demonstração naval de *Antivari*, na qual entram navios allemães, francêses, austriacos e italianos, com o fim de impedir que o Montenegro prosiga na conquista de *Scutari*, que deve entrar no novo estado da Albania, conforme foi decidido na conferencia de Londres. O rei Nicolau protestou, mas... a sua nação é muito pequena; tem que sacrificar-se ás ambições das grandes potencias, que a Austria conseguiu attrahir á sua causa. Verdade seja que o povo italiano tambem se fez echo do protesto do rei Nicolau, que, como se sabe, é o progenitor da rainha Helena.

A Italia e a França apertam os laços de sympathia com a fundação da *Liga Italia-França* de concerto com a *Liga France-Italie*, sob a alta direcção do marquez Visconti-Venosta e do sr. Pichon.

Tambem entre a França e a Espanha se fortaleceram as relações por meio de inauguração do *Instituto e Collegio francês de Madrid*, com a assistencia do ex-ministro Steeg.

No *Atheneu* da capital de Espanha realisou uma notavel conferencia o sr. *João Gonzales Olmedilla*, que se occupou da *litteratura portugêsa*, sobre cujo assumpto

leu uma carta do sr. *Unamuno*, cathedratico da Universidade de Salamanca, que fez o elogio do nosso illustre poeta *Eugenio de Castro*, o auctor do *Filho prodigo*, notavel composição traduzida em verso e lida a assembléa do Atheneu.

Sobre o thema de *Portugal no Estrangeiro*, apraz-nos registrar ainda o entusiasmo manifestado na imprensa britannica pelos jornalistas que ha pouco visitaram o nosso paiz, merecendo especial referencia os artigos publicados no *Liverpool Daily Post*, de 10 de fevereiro; *Jouth Wales Daily News*, de 11; *Daily News*, de 11; *Daily Chronich*, de 11; *Liverpool Daily Courier*, de 10; *Manchester Courreir*, de 10; *Western Daily Press*, de 1 de março; *Liverpool Post*, de 12; *Wisbech Advertiser*, 14, 19 e 26; *Church of Ireland Gazette*, 14; *The Irish Times*, de 24; *The Mansfield & North Notts Advertiser*, de 14 e 21.

Mais uma vez, a terceira, o rei Affonso XIII de Espanha sae são e salvo d'um attentado contra a sua vida. No dia 13 do corrente realisou se em Madrid a cerimonia do juramento de bandeiras, á qual compareceu o monarcha com todo o luzido estado-maior. Houve missa campal, a que se seguiu o juramento e o

desfile das tropas. Por fim, sua majestade dirige-se para o palacio real, sendo alvo de entusiasticas aclamações. O cortejo seguia pela *Avenida dos Recoletos* e *rua de Alcalá*, quando, ao passar proximo do *Banco de Espanha*, quasi em frente da *rua do Marquez de Cubas*, um individuo, que estava no passeio da esquerda, avançou rapidamente para o rei, segurando com a mão esquerda as redeas do cavallo ao mesmo tempo que com a direita desfechava um revólver. Afonso XIII, com aquella coragem e sangue frio de que tem dado sobejas provas, comprehendeu a sua situação e, repentinamente, fez empinar o cavallo, cujo pescoço ficou ferido pelo primeiro tiro que ainda chamuscou a luva da mão esquerda do monarcha.

O assassino, embora subjugado immediatamente pela policia, tentou ainda alvejar o rei, mas os projecteis perderam-se no espaço.

Deram-se atropelamentos, como era de esperar. O valente soberano, logo que viu o aggressor nas mãos da guarda civil, saudou militarmente o povo, dando vivas á Espanha, sendo alvo d'uma ovação extraordinaria. Já de pé, respondia ás sollicitas perguntas dos seus officiaes: — *Senhores, não é nada*. Poucos minutos depois monta de novo a cavallo e marcha para o palacio, no meio de retumbantes vivas e calorosos applausos.

O assassino é o anarchista *Raphael Sanchez Alegre*, de 26 annos, natural de Barcelona. Parece que pretendia vingar Ferrer.

Este attentado despertou grandes manifestações populares ao rei e á familia real. No dia seguinte celebrou-se na capella do palacio um solemne *Te-Deum* em acção de graças. As felicitações chovem de toda a parte, não só da Espanha, como de todos os governos estrangeiros.

Todos os jornaes censuram o attentado. *La Epoca* publicou um artigo violento contra o conde de Romanones, presidente do conselho, dizendo que o medo do governo pôz em risco a vida do soberano.

Lembra que, em 1906, sendo ministro do reino Romanones, foi que se deu o attentado da *calle Mayor*, no dia do casamento de Afonso XIII.

15—IV—913.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



RICARDO WAGNER

Como deveriamos festejar o centenário do seu nascimento

Nos ultimos tempos da historia musical, não existe nome de compositor que tivesse rasgado maiores horisontes artisticos, como foi o mestre de Bayreuth, Ricardo Wagner! Toda a sua obra musical é um profundo compendio de philosophia, nascida de um cerebro d'artista, por conseguinte com aquella força misteriosa das obras d'arte que passam atravez dos seculos sem perder o seu valor. Este anno deve-se festejar, a 22 de maio, o primeiro centenário do nascimento de Ricardo Wagner, data artistica que não deve passar em claro no nosso paiz. Nós muito pouco conhecemos do grande musico allemão. Em S. Carlos, geralmente temos ouvido arremédos de operas wagnerianas, apenas tivemos, digno de registo, a

Tetralogia em allemão, ainda que os artistas não eram muito bons, e scenarios não á altura da obra; mas em todo o caso foi um acontecimento musical! Mas o indifferentismo do nosso publico permanece da mesma forma, pois de Wagner nada sabem nem querem saber. Nos concertos *symphonicos* que se têm realizado no Republica, o publico pouco tem comprehendido Wagner, não só pelas execuções terem sido demasiado discretas, mas principalmente pelo pouco interesse que revelam pelo notavel compositor!



RICARDO WAGNER

Compete a nós educarmos a nova geração sob um prisma de Belleza esthetica, para que de futuro a Arte seja um alimento sagrado para as suas almas.

Não poderíamos começar esta nossa tarefa pelo culto wagneriano? E' tão facil, havendo *boa vontade* em todos...

Eis o nosso alvitre:

Começariamos por fundar este anno uma *Sociedade Wagneriana*.

O fim d'esta *Sociedade* deveria ser puramente *educativo*. Seria formada por socios de todas as classes sociaes, que pagariam uma mensalidade deminuta. Tres vezes por semana realisar-se-hiam conferencias sobre a obra de Wagner. De março até fins de junho, concertos orchestraes, em que fossem executados trechos de toda a obra wagneriana. Mais tarde a *Sociedade* firmaria contractos com varios artistas solistas para os seus concertos.

Todas as vezes que houvesse opera lyrica em S. Carlos, ou em qualquer outro theatro, a *Sociedade* tomaria todo o interesse para que fosse cantada qualquer opera do grande mestre. As conferencias seriam publicadas na *Revista Wagneriana*, orgão da *Sociedade*, e largamente divulgadas por todo o paiz.

Além da fundação d'esta *Sociedade*, todos os artistas e amadores de musica deveriam concorrer para uma subscrição afim de ser colocado no salão do Conservatorio um busto do illustre auctor do *Lohengrin*.

A Camara, em homenagem a Ricardo Wagner, poderia dar, no dia 22 de maio, o nome do grande musico a qualquer das novas avenidas.

Um grande concerto wagneriano poderia ter logar n'esse dia, já temos elementos magnificos, orchestraes, bandas regimentaes, sociedades coraes, solos de amadores, discipulos de todos os nossos professores de canto, etc.

Muito estimariamos que esta nossa ideia, apenas aqui esboçada, não fosse condemnada ao ostracismo. Pertence aos novos as grandes iniciativas, unamo-nos todos, trabalhemos com rara coragem, para que a nossa ideia seja recebida com o interesse devido, para bem não só da arte mas do nosso proprio paiz.

ALFREDO PINTO (SACAVEM).



As mulheres pensam com o coração e enganam-se muito menos que os homens que pensam com a cabeça.

Almas heroicas...

O sol erguia-se enorme sobre a cidade tumultuaria e das ruelas rasgadas pela casaria amontoada nascia a Vida — dramas, miserias, gritos, bôças pedindo pão, braços erguidos na raiva impotente duma luta esteril...

As chaminés das fabricas espirravam fumo, anavalhando o ar em sangue, a dizerem ancias de mil almas, tressuando agonias, braços nervosos amassando com lagrimas os cobres escassos — amarga garantia do pão para os filhos.

Trabalha-se, sofre-se...

A vida é isto...

As portas vomitavam figuras mirradas, rostos afilados, espectros esguios, olhares de Fome...

Na calçada saltitavam corpinhos nus de criancinhas enfezadas e macilentas a chapinharem na lama negra dos calhaos.

Sentem-se estalar os nervos a dentro da confusão da casaria que ameaça derrocada. Cada rosto é um poema de Dôr, cada portal um drama de miserias. Para quem passa, aquellas creaturas, costumadas já á Fome, deitam olhares que teem tanto de prece como de indiferença, olhares que dizem mais do que todas as palavras saídas dos seus labios engilhados. Celebram na catedral do Mundo a missa negra da sua Dôr. Livro de amarguras, o seu coração esfaqueado, como ele é pequenino para tanta desilusão sofrida! Os olhos queimados de tanto chorar, mal podem defrontar já com o sol, palido e afogado quasi pelas altas muralhas. De aqueles farrapos humanos saem mãos crispadas, cançadas já de tanto mendigar.

Ha quantas horas olham o espaço? As horas passam e quando voltam, ainda os acham no mesmo sitio. Hirtos e silenciosos, parecem de pedra.

Almas despedaçadas pelo bloco colossal da Vida — a Vida esmaga-as. Não teem pão, mas possuem Fé. O Dinheiro é tudo, o resto é nada. Não teem dinheiro, mas as suas almas crêem e á noite, quando os companheiros voltam ao lar, desalentados, roídos pelo Trabalho, mal arrastando o corpo em chaga pelo calvario, de espinhos duros, da Vida, encontram ainda um pedaço de Fé para lhes dar, para os consolar e dar-lhes Esperança.

Almas heroicas, que aprendestes na grande Escola da Dôr e do Sofrimento, como eu vos quero!...

Sacrificios, humilhações, privações — a vossa Biblia!

Sempre grande no enchurro da lama que as envolve, amam como ninguem, amam com furor, dão tudo, corpo, alma e até os derradeiros pedaços do seu coração esfarrapado nos cardos do atalho da Vida.

Onde os outros teem um fogão, encontram elas o Frio. Gelados os corpos, mas quentes os corações...

Quando odeiam, odeiam com Odio, quando amam, amam com Amor.

Almas heroicas que vos debateis na convulsão dolorosa da sublime Dôr Humana, nunca vos lembro que me não comova.

Fevereiro, 1913.

ALMADA DE LACERDA.

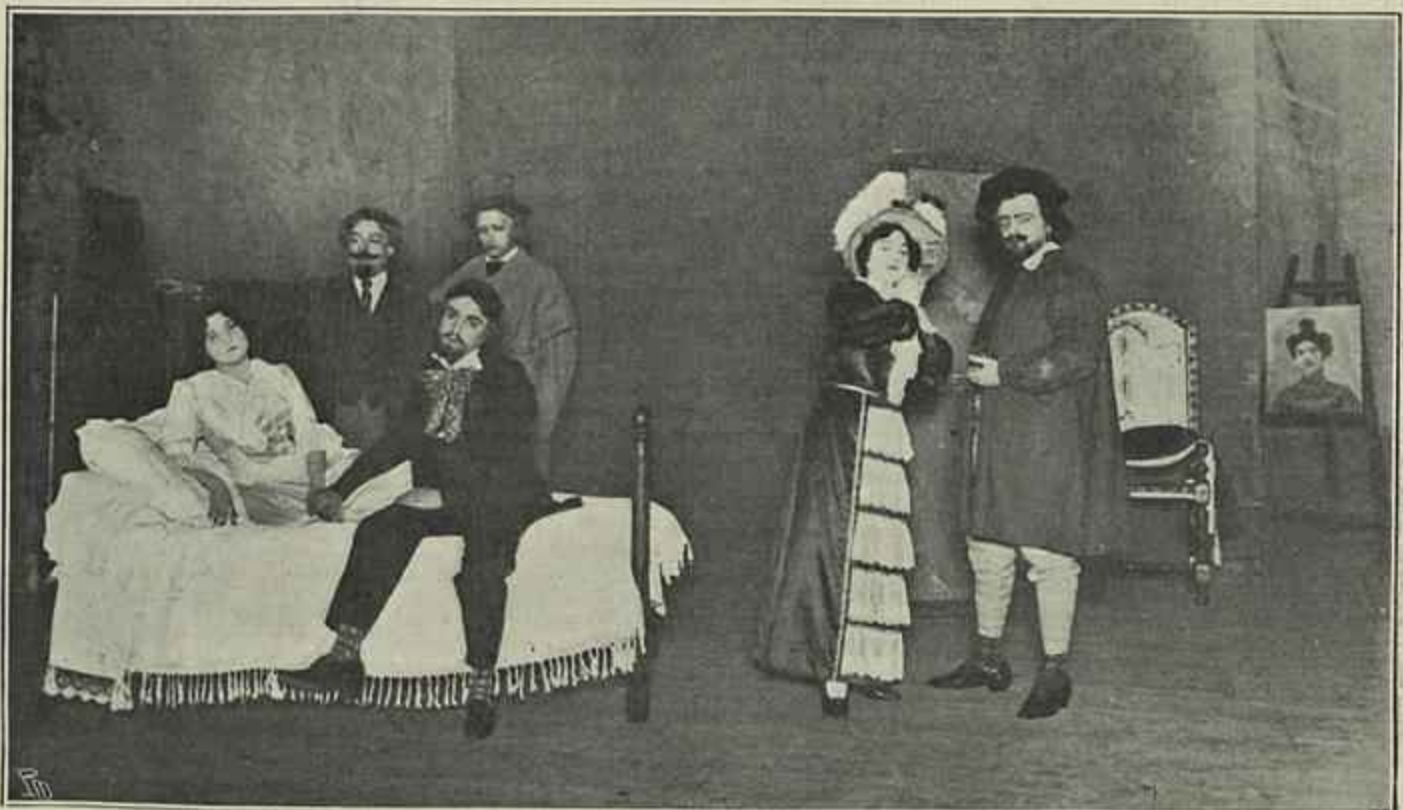
Opera lirica no Coliseu dos Recreios



O BARITONO PORTUGUEZ ALFREDO MASCARENHAS, NO «ERNANI»



MERCEDES FARRY (SOMNAMBULA) E O TENOR PAGANELLI (ELVINO)



«A BOHEME» PELAS CANTORAS RAFAELA LEONIS, GAETANA LLURÓ E CANTORES ROBERTO SCIFONI, GUIOSEPPE MARTI E MULLERAS
(Clichés Alberto Lima)

PELOS TEATROS

Republica

A *Labareda*—*La Flambee*—não podia deixar de ter tido na França um sucesso bem acentuado não só por ser uma admirável produção teatral como por ir ao encontro do sentimento mais forte que anima actualmente os francezes. E lá foi representada pela primeira vez, na época passada, em Paris.

A situação actual da Europa não permite aos povos que se deixem embalar com as promessas de uma utópica solidariedade universal.

Dentro de cada nação, ao primeiro alarme do perigo, revivem energias, acorda a consciencia nacional e a palavra Patria—que tudo exprime—eleva-se um hossana glorioso que faz calar em todos os peitos os sentimentos mesquinhos que nêles se debatem.

Ódios de raças, lutas de interesses determinam as guerras. A guerra é o estado normal do homem.

A França agita-se, move-se nela uma corrente de patriotismo exaltado, talvez sôde de sangue. Não



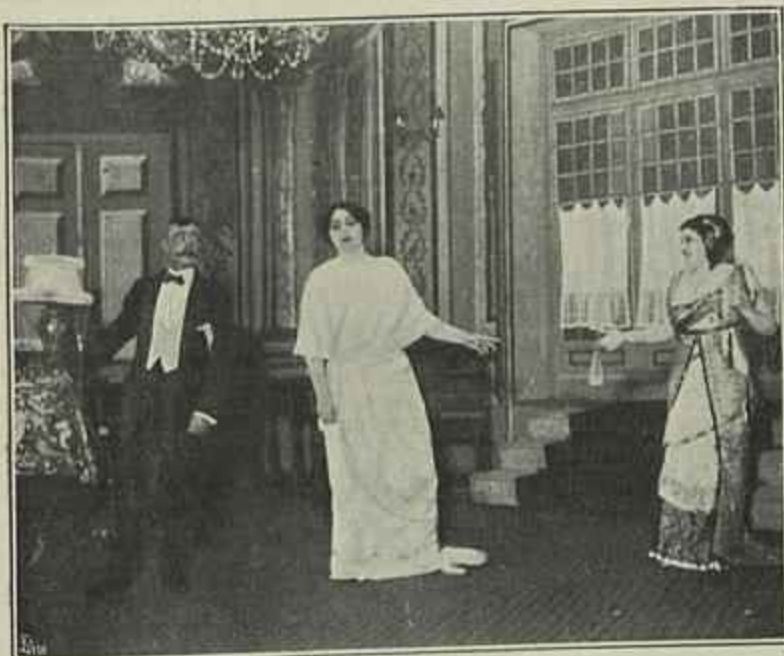
A SOPRANO PORTUGUESA CESARINA LYRA

deixaria o teatro de representar esse brado nacional.

Kistemaecker coloca a ideia da Patria acima de tudo.

Helena Felt, desgostosa do procedimento de seu marido o tenente-coronel Felt, aceita a corte de Marcelo Beaucourt, ex-ministro e deputado, que procura levá-la ao divórcio para depois se casar com ela. Felt ama loucamente sua mulher, mas o seu temperamento de militar, a sua autoridade que lhe queria impôr, ocasionaram desavenças entre eles. A essa vontade absoluta opunha ela o seu orgulho. Felt suspeita das tentões de Beaucourt e tem com êle explicações. Helena marca a Marcelo uma entrevista para essa noite no seu quarto. Encontra-se porém com Monseñhor Jussey que está de passagem no castelo e que lhe recorda os seus devêres de cristã e de mãe e a obriga a renunciar ao seu projecto de divórcio.

Para sustentar a opulencia em que vivia, o tenente-coronel viu-se obrigado a contrair dívidas avultadas. Um banqueiro, cuja procedencia era misteriosa, ofereceu-se um dia para unificar essas dívidas passando êle a ser o unico crédor. Aproximava-se o prazo do paga-



TEATRO DA REPUBLICA

«A LABAREDA». 1.º ACTO, FERREIRA DA SILVA, JULIANA SANTOS E JUDITH DE MELLO—3.º ACTO, ITALIA FAUSTO E BRAZÃO



SALÃO DA TRINDADE

A GRANDE ORQUESTRA PORTUGUESA, SOB A REGENCIA DO SR. JOSÉ HENRIQUE DOS SANTOS QUE EXECUTOU O POEMA SYNFONICO DO SR. JOÃO ARROYO

(Cliché Alberto Lima)

mento das letras e Glogau, o banqueiro, comunica a Felt que tinha tido necessidade de as negociar e que portanto, era impossível reformá-las.

A situação era melindrosa porque Felt não tinha com que as pagar. O tenente coronel era o organisador do plano das fortificações que se estavam construindo sob a sua direcção. Glogau propõe-lhe que em troca das letras este lhe entregue uma cópia desse plano. Felt era um militar brioso e um patriota. O insulto era demasiado forte para elle e num momento de cólera estran-gula-o.

Horrorisado, refugia-se no quarto de sua mulher. Ela repele-o. Ele fala-lhe no filho e conta-lhe o seu crime. «Fizeste bem», diz ela. Marcelo, neste momento, bate à porta. Era a hora da entrevista. Ela fá-lo afastar-se. O marido acusa-a e perdoa-lhe. E' preciso salvar a honra. Ele quer entregar-se à justiça militar. Ela, com uma serenidade e uma abnegação suprema, transporta o cadáver de Glogau do quarto do marido para o que elle occupava no castello, de modo a desviar suspeitas. No dia seguinte, quando se descobre o crime, Marcelo põe-se em campo para investigar e chega a concluir qual foi o seu autor. Marcelo avista-se com Felt e acusa-o. «Sim, fui eu», diz o tenente-coronel e conta-lhe o que se passou: Glogau era um espião.

Marcelo não podia valer-se deste caso para vencer o adversário na disputa de uma mulher que sabia já não lhe pertencer e que tinha uma alma nobre. Tinha-se pronunciado a palavra mágica — os interesses da Patria acima de tudo.

E é Marcelo que vai salvar o tenente-coronel Felt guardando o segredo que os homens da justiça não conseguem desvendar, fazendo-lhes acreditar que Glogau fôra victima de um ataque de anarquistas, como se podia concluir de certa correspondência que lhe não de encontrar.

Eis, resumindo tanto quanto possível, a acção da *Labareda*. Poderão criminalistas e sociólogos afirmar que não ha o direito de privar da vida a outrem e muito menos generalizá-lo no teatro; poderão criaturas de caracter aviltado e sentimentos baixos pôr em dúvida a mudança operada no advogado Marcelo, que a peça de Kistmaecker pela maneira como está traçada e pela sua essencia é uma obra perfeita que se vê com prazer porque exprime e define a efervescência dos espiritos que se está operando na França.

Não me admiro porém de que não obtenha do nosso público um acolhimento muito favoravel, pois que pelas suas qualidades caracteristicas não pode interessá-lo.

La Flambee, apesar de ser uma peça de muito valôr, não pode ser representada fóra do público para que foi escrita.

Resta-me falar do desempenho que em verdade foi excelente. Itália Fausta vai conquistando o nosso público. Desempenhou o papel de Helena dando-lhe grande relêvo.

Brazão no tenente-coronel, foi admiravel pela justeza com que se adaptou ao caracter da personagem. Ferreira da Silva, tem tambem um papel de importancia que desempenhou como costuma.

Coliseu

Tem agradado muito a companhia de ópera lirica sob a direcção de Giovanni Mestres. Possui bons elementos, alguns dos quais bem conhecidos do público de Lisboa. Figuram no elenco, entre outros, os sopranos Bice Cocchi, Mercedes Aleardi, Gactana Lloró, a mezo-soprano Julia Martinengo, os tenores Giuseppe Paganelli, Fausto Castellani, Michela Mullesas, os baritonos Roberto Scifoni e Amleto Bartese e os baixos António Labellico e José Marti.

O baritono Alfredo de Mascarenhas e a distincta cantora Cesarina Lira, portuguezes, tambem ali se fizeram ouvir, chamando ao vasto circo numerosa concorrencia. Teem-se cantado a *Aida*, *Ernani*, *Sonambula*, *Tosca*, *Trovador*, *Palhaços*, etc.

A orquestra é dirigida pelo maestro Rafart.

A. N.



Um sujeito, surdo como uma porta, dizia a um vizinho:

— Só sinto ter este defeito quando meu filho toca rabeca. Desespero-me não poder ouvi-lo.

— Pois, meu amigo, se o ouvisse, com certeza desejaria ser surdo.

ROMANCE

Victor Debay

Amiga Suprema

(Versão livre auctorizada pelo auctor, por Alfredo Pinto (Sacavem))

Primeira parte

I

«MADRINHA D'ARTISTAS»

(Continuado do numero antecedente)

— O senhor faz-me recordar o que muitas vezes penso, a minha vontade de cantar nasce da benevolencia e da sympathia d'aquelles que me ouvem.

— E' uma troca, minha senhora, o interprete deve *afinar* as almas para que ellas possam vibrar em união da sua, ligada por um laço invisivel.

— Esta noite, em casa da sr.^o Rudennis, puz toda a minha sinceridade, mas muitas vezes somos trahidos pelos meios de que dispomos. Oh! a voz! instrumento de capricho, mais incomprehensivel que a mulher... que, segundo se diz, é bastante leviana, não é verdade sr. Lescourias?

— Eu, minha senhora, só penso agora n'estas torradas, e n'este chá delicioso! Que bella manteiga! Esta ao menos é fresca, sem essas misturas que dão cabo da saude.

— Muitas vezes, continuou Anna, sem querer desviar o fim da sua ideia, pensamos talvez erradamente na forma da comprehensão do trecho.

— De forma alguma, disse Fombreuse, comprehendeu intelligentemente a minha musica, e as ovações fóram justas.

— Eu acho esses publicos muito divertidos, disse Steinbaum, bem sei que o meu amigo precisa d'elles, mas diga-me que obra descobriram, que artista protegeram, sómente andam como os carneiros de Panurgio a colherem opiniões alheias. Mas passemos para outro assumpto, cantou bellamente os *lieder* de Schumann e de Schubert.

— Foi toda a minha alma de mulher...

— Deverá revela-la agora novamente, entre artistas, como nós somos, ao menos para poder comparar o auditorio.

— Conheço perfeitamente o que é cantar sósinha ou para alguns amigos... sr. Steinbaum faz-me o favor de pôr o candieiro sobre o piano.

— Minha senhora, disse a creada, já é bastante tarde, e tem amanhã de manhã um ensaio, ficará fatigada.

— Fatigada?! Maria José! Nunca, quando eu canto *por amor* da arte.

A estas palavras, que ella tinha dito simplesmente, com a maxima naturalidade, Steinbaum não quiz olhar para a cantora, mas ella sentiu o olhar perspicaz de provocador e perturbou-se um pouco. Fombreuse já estava ao piano.

— Sr. Fombreuse, dá-me licença de o substituir pelo sr. Lescourias, tocamos musica tantas vezes que já está muito habituado ás minhas intenções; sinto-me com elle mais á vontade, um compositor como é o senhor intimida-me um pouco, e não tenho forças de me vencer; não fica zangado?

— Pelo contrario, posso assim ouvir muito melhor. Quando se acompanha, seguimos o cantor, e não podemos ou-

vir bem a musica. A minha musica fica bem entregue.

— Sua *Majestade a Orchestra!* disse Lescourias, annunciando-se ao sentar-se ao piano.

As suas mãos de pianista já feito, atacaram alguns acordes e diversas escalas, como preparativo para a leveza da technica. Eram largos acordes em forma de coral, tirando riquezas harmonicas como se fossem no órgão.

Lescourias não era já o mesmo, não possuia aquella physionomia que se transformava na evolução da phrase musical. Lescourias agora apenas via na musica não uma serie de vibrações sonoras, mas uma especie de lento lenitivo, aos soffrimentos moraes.

Anna Le Cozan encostou-se á curva da cauda do piano. Tinha afastado a renda que lhe cobria o pescoço para poder cantar melhor. Anna era uma rapariga de cerca de vinte e cinco annos, com aspecto um pouco brusco, sem possuir movimentos elegantes. Bastante magra assemelhava-se ás nymphas de João Goujon. Não era bonita nem feia, nariz comprido, bocca muito rasgada, rosto oval, cabello louro, olhos verdes, fluidos como a agua, cheios de franqueza e de fé, verdadeiro olhar de Bretan, com a expressão da sua nobre raça.

— Que melodias quer cantar? perguntou Lescourias folheando um grande livro, já na estante.

— Qualquer respondeu Anna. Todas fazem um conjuncto que francamente não sei escolher. Ha pouco era necessario pensar na obra, pois era destinada a um publico frivolo, agora desejo pensar em traduzir a obra do artista.

— Bravo, muito bem, disse Steinbaum, assim é que é falar...

E como Fombreuse lhe tocasse no braço disse:

— Peço-lhe perdão, minha senhora, quando se trata de musica, nós allemães temos ás vezes um enthusiasmo muito repentino.

Fombreuse e Steinbaum estavam sentados na parte escura da casa em frente da cantora. Ella apenas via de Steinbaum a cabelleira que lhe cahia sobre os hombros e os vidros dos olhos que brilhavam na escuridão. De Fombreuse adivinhava-lhe o rosto, palido e cheio de tristeza.

(Continua.)



O MEZ METEOROLOGICO

Março de 1913

Barometro — Max. altura 773^{mm}.7 em 6.

Min. altura 746^{mm}.2 em 28.

Termometro — Max. altura 20^o.8 em 10, 15 e 16.

Min. altura 6^o.9 em 25.

A temperatura primaveril que se gosou até ao dia 18, com maximas oscillando entre 14^o.7 (em 13) e 20^o.8, baixou sensivelmente o resto do mez, descendo em 24, a maxima, a 10^o.4 e em 25 a 10^o.6, as mais fracas observadas n'este ano.

Nebulosidade — Ceu limpo ou p. nubl. 5 dias.

Ceu nublado 22 dias.

Ceu encoberto 4 dias.

Chuva — 71^{mm}.9 em 12 dias, sendo em 24 a altura pluviometrica de 23^{mm}.1 e em 28, de 15^{mm}.5.

Horas de sol — 181 horas e 15 minutos.

Halo do sol e lua — Em 16.

Granizo — Em 23 e 29.

Trovões — Em 28 e 29.

NA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA — 2.ª conferencia sobre Macau pelo 2.º tenente sr. Jayme do Inso

O Presente e o Futuro de Macau

No dia 7 do corrente realizou o 2.º tenente da armada, sr. Jayme do Inso, mais uma conferencia sobre a nossa linda colonia de Macau, na sala *Algarve* da Sociedade de Geographia, onde se juntou uma selecta assistencia a que concorreram muitas senhoras e amigos de Macau.

A sessão foi presidida pelo sr. Vicente de Almeida d'Eça que ao apresentar aquelle official com palavras de elogio, disse que quem tinha assistido á primeira conferencia, já sabia que ia assistir a um trabalho importante.

Começou o conferente por dizer que tinha pena de não poder corresponder como era seu desejo ás palavras excessivamente lisongeiras que sua Ex.ª se dignara dirigir-lhe.

E tinha pena, principalmente, porque se podesse corresponder a ellas, isso seria quasi que um penhor, uma garantia, de que conseguiria alguma coisa de pratico, de positivo e de util, em favor d'uma colonia por todos tão esquecida e despresada.

E essa seria a melhor recompensa do seu trabalho que, mais uma vez repetia, considerava como uma pequena parcella da obra verdadeiramente patriótica, uma obra de verdadeira defeza nacional sem soldados nem espingardas, qual é a propaganda do conhecimento e desenvolvimento das nossas colonias.

Effectivamente, mal se comprehendia que não tendo nós hoje recursos para mantermos nem uma esquadra nem um exercito regulares, não olhemos tambem para o problema do futuro já em si, já para conservarmos e mantermos aquillo que por ventura consigamos arranjar á custa de penosos sacrificios.

Para tudo isso é preciso dinheiro, muito dinheiro, que tem de ser dado pela riqueza nacional, e esta, onde tem os seus melhores cofres, é nos nossos vastos dominios ultramarinos.

Sabia bem que é muito difficil convencer disto o Paiz, pois que nós só nos convencemos depois de viajarmos e compararmos os modernos imperios coloniales com as nossas desoradas colonias; mas, mais uma razão da necessidade duma propaganda activa, dum grande movimento nacional a favor das colonias em que cooperem todos os bons portuguezes.

E ninguém melhor do que a benemerita Sociedade de Geographia poderia iniciar um tal movimento, onde havia a interessar todas as forças vivas, de forma a traduzil-o immediatamente em factos visiveis e apreciaveis pelo publico.

Nesta ordem de ideias, ia continuar a tratar da nossa colonia de Macau.

Já tive a honra, acrescentou, de apresentar



MACAU — O LEAL SENADO

aqui a V. Ex.ª algumas paginas do seu passado glorioso, e uns leves esboços da sua vida, das suas paisagens e dos seus costumes.

Macau é farto campo onde se pódem colher impressões.

Desde a extravagancia das festas, dos cultos e superstições, ás *silhouettes* das pequeninas figuras de chinezas, onde mais ha que admirar a curiosidade dum *biblot* raro do que a graça da mulher, até aos cambiantes do ceu do Oriente: já anilado, meigo e transparente como é o nosso em Portugal, já sombrio e tenebroso como nunca aqui o vemos, qual é o dos tufões.

Ao acaso, escolheu alguns desses quadros dos quaes guardava alguns apontamentos, e com elles pretendeu dar uma ideia, ainda que imperfeita, dessa terra, desse viver, desse ignoto cantinho d'alem mar.

O mesmo ia então alli fazer. Unicamente o capitulo, como se diria dum livro, era differente.

Queria de preferencia demorar-se sobre as questões mais praticas e interessantes para a riqueza duma terra, do que a belleza da sua historia ou a sua poetica condicção.

Entretanto, não ia apresentar um estudo profundo, que embora fôsse trabalho de maior va-

lor, julgava o mais proprio para os estudiosos no remanso do gabinete, para os technicos, do que para uma simples conferencia de propaganda geral sobre uma colonia.

Por isso aquella palestra seria como a primeira: uma colleção de notas, impressões e alvites que dispuzera de forma a poder traduzir o melhor possivel, no limitado espaço de tempo de que dispunha, as necessidades e as aspirações que deve ter uma colonia que foi tão rica e tanto quer a Portugal.

Em seguida entrou no assumpto da sua interessante conferencia de que reproduzimos as seguintes passagens.

Durante o decorrer de quasi quatro seculos Macau passou por phases variaveis desde a grandeza e o esplendor até á miseria e quasi que aniquilamento.

Causas complexas pódem explicar tamanhas alternativas na vida desta colonia.

A primeira deve ser sem duvida, as condições especialissimas em que alli nos encontravamos: um pequeno bando de emigrados aventureiros perdido naquelle immenso mar desconhecido que era a China, rica, orgulhosa da sua civilização antagonista da nossa, e com outras crenças e tradições.

Neste ponto, a nossa situação actual quasi que não se modificou ainda a não ser pela acção e presença doutros estrangeiros que, em maior numero que os portuguezes se teem estabelecido na China.

Macau, infelizmente, é hoje uma colonia exotica, sem situação definida, e que temos conservado como uma chinezisse que não sabemos o que seja. Comtudo, em Macau não ha só chinezes.

O typo macaísta é um cruzamento de raças, principalmente a portugueza e a chinez, mas onde entraram em larga escala no começo da colonia os elementos de Malaca e o japonéz.

O macaísta é trabalhador activo, e encontra-se espalhado por todo o Extremo-Oriente angariando os meios de vida que não encontra na sua terra.

Apezar disso é portuguez, e portuguez quer ser, e são os macaístas quem ainda mantem lembrado o nosso nome no Oriente.

Dedicam se quasi exclusivamente ao commercio, e pódem dizer-se que não se entra num banco ou es criptorio importante, onde se não encontre um empregado que nos fale a nossa lingua. Até no Japão os fui encontrar.

Escusado é dizer quanto isto nos é grato em terras extranhas e tão longe do nosso mcio. Esquecidos, desprezados dos nossos governos como teem sido sempre, nem por isso deixam de acompanhar com interesse as questões do nosso Paiz.



MACAU — PALACIO DO GOVERNO NA PRAIA GRANDE

(Continúa.)

Reivindicações históricas

Estudos sobre os Farias, de Barcellos

(Concluído do numero antecedente)

O castello de Faria era anterior á fundação da monarchia e d'elle restam ainda alguns vestígios, ao contrario do que affirmou Herculano, e como o prova a planta que reproduzimos, que illustra igualmente o livro *Ninharias*, delineada por technicos competentes sobre as indicações históricas que lhes foram feitas pelo sr. José de Azevedo e Menezes. O grande historiador descreveu o assim:

«O castello de Faria, com suas torres e ameias, com a sua barbacan e fosso, com os seus postigos e alcapões ferrados, campeou ahí como dominador dos valles visinhos. Castello real da idade média, a sua origem some se nas trevas dos tempos que já lá vão ha muito, mas a febre lenta que costuma devorar os gigantes de marmore e granito, o tempo, coou lhe pelos membros, e o antigo alcacer das eras dos reis de Leão desmoronou-se e caiu. Ainda no seculo xvii parte da sua ossada estava dispersa por aquellas encostas: no seculo seguinte já nenhuns vestígios restavam, segundo o testemunho de um historiador.»

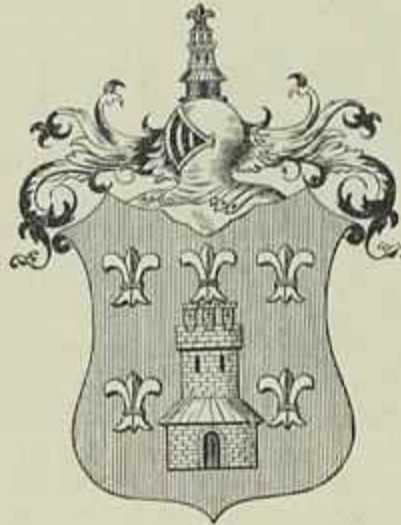
A derrocada parece ter começado no primeiro quartel do seculo xv; e em 1563 D. Henrique de Sousa, ultimo commendatario do mosteiro de Rendufe, aproveitou a pedra e materiaes dispersos para reedificar á sua custa o convento de franciscanos, da Franqueira.

A planta do castello dá perfeita ideia das linhas características da fortaleza, cuja estrutura devia ser conforme a descripção de Herculano.

Com o glorioso feito do leal alcaide ficou mais sublimada a linhagem fidalga dos Farias. Decorridos, porém, cerca de seiscentos annos, suscitam-se duvidas sobre a nobreza antiga d'aquelle illustre alcaide.

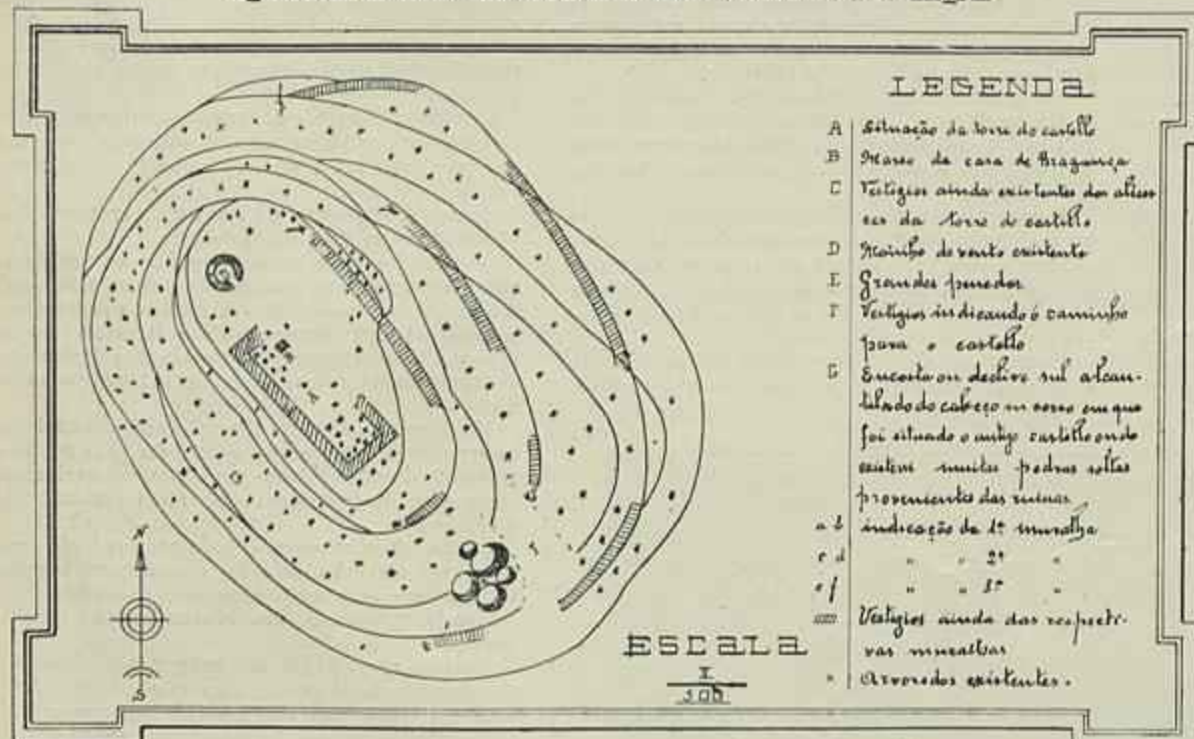
Não foram ociosas as duvidas porque desper-

ainda as ruínas do castello, que defendeu Gonçalo Nunes de Faria, em tempo de el rei D. Fernando contra Pero Roiz Sarmiento, adiantado de Galliza que o tinha sitiado, vendo matar a seu pae Nuno Gonçalves de Faria, que estava prisioneiro dos castelhanos por não querer persuadi-lo a que o entregasse. São suas armas, segundo as achamos no *Livro de Armarias da Torre do Tombo*: Em campo sanguinho um castello de prata com portas e frestas de preto entre duas flôres de liz do mesmo metal e tres em chefe. Timbre o mesmo com uma flôr das armas sobre as ameias, em memoria do referido castello, que assentaram em campo vermelho alludindo ao sangue derramado por Nuno Gonçalves: As armas antigas eram só as flôres de liz.»



Em rigor heraldico o brazão dos Farias é o que representa a gravura que acompanha estas linhas: Em campo vermelho um castello de prata, com portas e frestas de negro, entre duas flôres

RUÍNAS DO ANTIGO CASTELLO DE FARIÁ



LEGENDA

- A Situação da torre do castello
- B Plano da casa de Bragança
- C Vestígios ainda existentes do alcaide da Torre do castello
- D Alcance de santeo ocidental
- E Grandes pedregalhos
- F Vestígios indicando o caminho para o castello
- G Encontro ou declive sul alcaideado do cabeço em osso em que foi situado o antigo castello onde existem muitas pedras soltas provenientes das ruínas
- a b Indicação da 1ª muralha
- c d " " 2ª "
- e f " " 3ª "
- == Vestígios ainda das respectivas muralhas
- * Árvoreas existentes.

ESCALA
I
300

As indicações históricas para a execução d'esta obra, foram fornecidas por José de Azevedo e Menezes em 16 de abril de 1910.

taram o interessante trabalho do sr. José de Azevedo e Menezes, que teve a felicidade de achar documentos que exgotam o assumpto, affirmando bem claramente que o alcaide de Faria não era um villão.

Segundo Fr. Manuel de Santo Antonio, autor do *Thesouro da Nobreza de Portugal*, é a seguinte a origem dos Farias:

«Acham-se nos principios do reino de Portugal. Tem seu solar no julgado de Faria, do termo de Barcellos, d'onde se lhe derivou o apelido, e ahí no monte da Franqueira, se vêem

de liz do mesmo metal e tres em chefe; timbre, o castello sobrepujado com uma flôr de liz, de côr vermelha. Estas são as armas que se vêem na sala dos brazões do paço real de Cintra, mas sem elmo nem timbre, que mais tarde se adoptaram, quando se fixaram definitivamente as regras da arte heraldica.

O presente volume das *Ninharias* não encerra apenas as questões acima alludidas. Além de estudos diferentes, sendo de notar os de archeolo-

gia local, versa com seguro criterio as razões da decadencia da nobreza historica entre nós, filiando-a na diminuição e extincção dos vinculos, capellas e morgados.

A parte documental é importantissima, alguns documentos são reproduzidos nitidamente pela photogravura, apresentando assim uma authenticidade incontestada, exhibidos na sua graphia curiosa.

Opulenta o volume uma collecção numerosa de taboas genealogicas. Por ellas se vêem num relance as relações de parentesco das mais nobres familias portuguezas.

Os materiaes accumulados neste precioso volume acham-se catalogados por uma forma tão bem ordenada, com os seus indices onomasticos e remissões analyticas, que se encontra facilmente, depois da primeira leitura, tudo o que se queira reler.

A parte material da edição corresponde ao valor litterario do volume. E' agradável apreciar os progressos que a arte typographica tem attingido em Villa Nova de Famalicao e de que são testemunho a composiçao correcta e a impressao nitida da obra.

Ao contrario do que em geral e naturalmente succede com edições luxuosas, como esta, não teve o volume *Ninharias* uma tiragem tão limitada ou um preço tão excessivo que dificulte a sua acquisiçao. Muitos trabalhos similares ficam fóra do commercio e os verdadeiros estudiosos não os alcançam. E' digno portanto do maior applauso o autor por ter facilitado, desinteressadamente, ao publico o seu trabalho, destinando-lhe quinhentos exemplares cujo producto da venda reverte a favor de uma instituicão de beneficencia—O Fundo do *Pão de Santo Antonio*, distribuido mensalmente aos pobres de Villa Nova de Famalicao e freguezias limitrophes.

A tiragem especial foi de cem exemplares, todos numerados e com a assignatura do autor.

Temos tido occasião de verificar—e com prazer o denunciámos—que o publico corresponde á gentileza do autor. A obra do sr. José de Azevedo e Menezes alcançou um verdadeiro successo de livraria em Lisboa e Porto.

E' muito proprio o ensejo para prestar a devida homenagem ao nobre autor das *Ninharias*, estampando nesta revista o seu retrato, que teria ficado muito bem a abrir a sua propria obra. Mas essa falta vem contraprovar a modestia sincera, já reconhecida no desprezioso titulo que deu á copiosa collecção dos seus escriptos, em que serão reunidos todos os publicados desde 1869 até 1910.

O sr. José de Azevedo e Menezes é um escriptor de merecimento, sendo considerado uma autoridade muito distincta em investigações historicas e um dos primeiros genealogistas portuguezes, tendo honrado por vezes o OCCIDENTE com a sua collaboraçao. Soccorrendo-nos do artigo que a seu respeito se encontra no dictionario historico e biographico—*Portugal*—acompanharemos esse retrato de algumas notas biographicas.

O sr. José de Azevedo e Menezes Cardoso Barreto nasceu a 22 de outubro de 1849, na Casa de do Vinhal, em Famalicao. E' filho de Manuel Carlos Cardoso de Menezes Barreto, da Casa da Portella, em Guimaraes, cuja illustre familia é um ramo dos viscondes do Paço de Nespereira, como se vê pelo brazão d'armas concedido a um dos senhores d'aquella casa por D. Maria I, em 28 de outubro de 1793. De sua mãe, D. Thereza Maria de Azevedo de Barros e Faria, que falleceu a 17 de novembro de 1857, herdou a Casa do Vinhal, que ha mais de tres seculos anda nesta

familia. Nos fins do seculo xvi pertencia a Casa do Vinhal a Balthazar Cicio Cogominho, descendente dos Cogominhos da Torre de Coelheiros, de Evora. Em 14 de abril de 1601 foi vendida em praça e adquirida por Antonio Alvares da Costa, da familia do celebre cardeal de Alpedrinha. Esse Alvares da Costa, armado cavalleiro na India, casou sua filha e herdeira, D. Angela da Costa, com Francisco do Couto de Azevedo, cavalleiro professo de S. Thiago e fidalgo da Casa Real, sexto avô do sr. José de Azevedo e Menezes. Este illustre fidalgo casou a 19 de ja-

neiro de 1871 com sua prima, senhora D. Maria Julia Falcão Pinheiro de Azevedo Bourbon e Menezes, da nobre casa dos Falcões, de Braga, a qual succedeu na casa solar dos Pinheiros, de Barcellos, por escriptura de doação de seu tio materno conde de Azevedo, e igualmente succedeu no extinto morgado de Pouve, que data do seculo xv, por disposição testamentaria do mesmo titular, que falleceu naquella cidade em 25 de dezembro de 1876. Por alvará de 12 de março de 1870 recebeu o sr. José de Azevedo e Menezes o fôro de moço-fidalgo com exercicio no Paço, e por breve apostolico de 20 de abril de 1904 foi agraciado com a commenda da ordem pontificia de S. Gregorio Magno. Por diploma de 25 de maio de 1908 foi nomeado socio correspondente da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes.



JOSÉ DE AZEVEDO E MENEZES

Em virtude de legado especial do conde de Azevedo possui o sr. José de Azevedo e Menezes, na sua Casa do Vinhal, os importantes manuscritos genealogicos que eram d'aquelle notavel bibliophilo portuense. Não é pois de admirar que a elles recorra e os cite nos seus trabalhos quando dispõe de taes elementos de investigação historica. Mas o erudito investigador não se tem limitado á sua valiosa *prata da casa*. Documentos importantissimos pertencentes a outros archivos particulares e a corporações antigas lhe tem servido para corroborar as suas affirmativas. Desses repositórios, alguns riquissimos, provêm os documentos incluidos no volume a que nos referimos.

O sr. José de Azevedo e Menezes tem collaborado assiduamente em varios jornaes e revistas litterarias, entre os quaes: *O Direito*, extinto periodico portuense, na *Gazeta do Minho*, na *Nova Alvorada*, etc. Foi um dos fundadores do importante jornal *A Palavra*, do Porto, onde viram a luz da imprensa, muitos dos seus trabalhos. No *Archivo de Ex-Libris Portuguezes*, publicado em Genova, inseriu a descripção dos *ex-libris* de varias pessoas illustres. Também publicou uma *Bibliographia Antheriana*.

Deveras dedicado á sua terra natal, o sr. José de Azevedo e Menezes tem-lhe prestado valiosos serviços, e da sua gerencia em varias corporações locais publicou relatorios muito elucidativos e proficuos.

ESTEVES PEREIRA.

O café de Suvata

(De Bernardin de Saint-Pierre)

(Concluido do numero antecedente)

—E' a mesma cousa que succede tanto com deus como com o sol — accrescentou o discipulo de Confucio. — Todos julgam ter um deus só para si ou, pelo menos, para o seu paiz. Cada povo crê encerrar na sua igreja o que o universo

visivel não contém. No entanto, existe algum templo comparavel áquelle que o proprio Deus construiu para junctar todos os homens na mesma communhão de ideias? Todos os templos do mundo são feitos á similhaça do da Natureza. Em toda a parte se vêem piscinas ou pias d'agua-benta, columnatas, abobadas, lampadas, estatuas, inscripções, sacrificios, altares, padres e os livros da lei. Mas em que templo existe uma piscina tão grande como o mar, que não está encerrado n'uma concha; ter bellas columnas como as arvores das florestas ou a dos vergeis ajoujadas de fructos; uma abobada tão alta como o céu, e uma lampada tão brilhante como o sol? Vê-se hão estatuas tão interessantes como os entes sensiveis que se amam, que se auxiliam mutuamente e que falam? inscripções tão intelligiveis e mais religiosas do que as proprias benesses da Natureza? um livro de lei tão universal como o amor divino baseado no nosso reconhecimento, e que o amor dos nossos semelhantes pelos nossos proprios interesses? sacrificios mais commoventes do que os nossos louvores a quem tudo nos

concedeu, e do que as nossas paixões por aquelles com quem temos de conviver? finalmente: um altar tão sagrado como o coração do homem de bem e do qual o proprio Deus é o pontifice? Assim, quanto mais o homem se afasta do poder de Deus, tanto mais elle se aproxima do seu conhecimento; e quanto mais indulgencia tiver para com os pobres, mais lhe imitará a bondade. Aquelle, pois, que usufrue a luz divina, dispersa por todo o universo — não deve desprezar o supersticioso que só apercebe um pequenino raio no seu idolo, nem mesmo ao atheu — que é completamente privado de tudo, com receio de que o seu orgulho seja castigado — não aconteça como ao philosopho que — querendo apropriar-se da luz do sol — se tornou cego e viu forçado — para andar — a servir-se da lamparina fabricada pelo negro.

Assim falou o discipulo de Confucio, e todas as pessoas que se encontravam no café — discutindo a excellencia das suas religiões — guardaram um profundo silencio.

RUY DE ABOIM.

Uma sociedade de senhoras portuguezas em Oakland

Mrs. Maria Adelaide S. Encarnação

Não sendo esta a primeira vez que nos referimos aos progressos da colonia portugueza nos Estados Unidos da America do Norte, temos hoje o prazer de registrar o florescente estado em que se encontra uma sociedade de açorianas catolicas denominada Sociedade Protetora Rainha Santa Isabel, estabelecida em Oakland, cidade do Estado da California, cuja capital é Sacramento.

A colonia portugueza neste Estado eleva-se a 8.000 compatriotas nossos, que ali se empregam na maior parte na agricultura e criação de gados, sendo considerados os melhores agricultores da região. Outros, em menor numero, empregam-se no commercio e em casas bancarias, havendo em S. Francisco, cidade recentemente levantada das ruinas do terremoto, que a destruiu, em 1906, um Banco Portuguez, que desfruta dos melhores creditos.

Ha nesta colonia, constituída, na maioria, por emigrantes das ilhas da Madeira e Açores, portuguezes com boas fortunas, destacando-se dois, considerados milionarios, um sr. Bernardo, do continente de Portugal, residente em Tinore, grande proprietario de terrenos na Contra-Costa, e o sr. Manuel Essas, açoriano, residente em Bakersfield, possuidor de importantes minas de petroleo descobertas nas suas propriedades.

A colonia de açorianos é tão numerosa, que permitiu o fundar-se, em 1900, a associação a que acima nos referimos, e que actualmente conta 6030 socias, nos 91 concelhos em que se divide pelas diferentes localidades do Estado da California.

Os fundos desta associação são constituídos pelas cotas mensaes de um dolar (1\$000 réis) por cada socia, sendo um dos seus fins, uma especie de seguro de vida, o qual, falecendo a socia, recebe o viuvo 600 dolars (600\$000 réis) e falecendo o marido da socia, recebe esta 200 dolars (200\$000 réis).

A direcção desta sociedade, confiada ás suas socias mais prestantes, tem tido por secretaria Mrs. Lemos, á qual muito deve o progresso da mesma sociedade.

Nas ultimas eleições foi eleita presidente suprema Mrs. Maria Adelaide S. Encarnação, de que apresentamos o retrato a nossas leitoras, como uma das mais distintas açorianas que fazem parte da colonia portugueza, e antiga e dedicada socia com notavel folha de serviços, tendo já desempenhado cargos no Conselho Subordinado n.º 1, no qual chegou a presidir.

Mrs. Encarnação é natural da ilha de S. Jorge, Açores, sendo viuva do sr. Ricardo Encarnação,

prestante membro da colonia, falecido no vigor da vida. Exerce, com rara distincção o professorado de piano, e o tempo que lhe sobra das suas numerosas lições, dedica-o á sua sociedade, de que era vice presidente, quando agora foi eleita presidente suprema.

A eleição desta senhora, diz a *União Portugueza*, de Oakland, deverá marcar na historia da



MRS. MARIA ADELAIDE S. ENCARNAÇÃO

benemerita sociedade uma época fulgurante com a sua administração, pois não lhes falta vontade e competencia.

Devido á influencia da nova presidente, organisou-se mais um novo conselho, com quarenta e tantas socias, e que em homenagem á distinta professora, tomou o nome de *Adelaide Encarnação*.

Por tudo isto se vê a importancia e progresso que a colonia portugueza vae atingindo na America do Norte, o que prova bem o valor, nunca desmentido das extraordinarias conlições da nossa raça, resistente e intelligente, apta para todos os trabalhos e para todos os grandes cometimentos.

Sem pés nem cabeça

POR
André Brun

É este o seu último livro publicado pelos editores Guimarães & C.ª, de Lisboa, um livro despreocupado e alegre, como o seu auctor, cujo retrato temos o prazer de apresentar aos leitores do OCCIDENTE.

André Brun, tenente do exercito, comediographo, humorista, critico e commentador nas *Migalhas*, critico de theatro e jornalista alegre, collaborador de varios jornaes, sob os pseudonymos de *Felix Pevide*, *Cyrano*, *Um sujeito e O porteiro da geral*, auctor, adaptador e traductor de comedias, operettas, revistas, monologos e escriptor despretençioso de contos, como *Dez contos em papel*, de que ha pouco se fez nova edição e por fim este *Sem pés nem cabeça*.

Já estou d'aqui a ouvir os amaveis leitores e gentis leitoras proferirem o velho chavão: *muito prazer em conhecer vocencia!*—Esse chavão, porém, não deve ser proferido como simples prova de delicadeza nem como de aborrecimento, simulado — e quantas vezes não acontece acolher-se uma apresentação sobre posse e sem prazer algum, antes pelo contrario, em conhecer o apresentado! — mas sim com desvanecimento pois que André Brun é dos raros que ha muita vaidade em apresentar e que são sempre com prazer acolhidos.

Mas tratemos do livro *Sem pés nem cabeça* que desde o frontespicio da capa até á capa final



ANDRÉ BRUN

do mesmo é uma afirmação da sua graça matinal.

Dividido o menu em: *Memorias; Contos militares; Comedias da Existencia; Explicação de*

proverbios; Pensamentos e maximas; Historias de theatro; Contos policiaes; Theatro impossivel e Fitas de animatographo, é difficil escolher se um prato de prosa alegre, pois que elles são todos de bons acepipes, embora falte um prato de lagosta ou camarão. Se é certo que todas as produções são magnificas, d'essas algumas ainda se destacam pela maior excellencia da factura, como por exemplo: *O meu primeiro artigo; Contos militares; Comedias da Existencia; A revelação tardia; Um julgamento nas Trinas; o Judeu discreto e Chegue-se para lá um bocadinho* e — em summa e paraphrascando um escripto de um articulista referindo-se a um precioso livro de versos — todas estas prosas são dignas de lêrem-se, mas o melhor é ler... o livro todo, demais que prosa humoristica não é, infelizmente, a que n'esta linda terra de Portugal tem mais cultores.

HENRIQUE MARQUES JUNIOR.

PUBLICAÇÕES

Instituto de Cegos do Porto. — Director, Miguel Mota. Relatório e contas do ano economico de 1911-1912. Ilustrado com gravuras representando varios trabalhos dos alunos e retratos de benemeritos auxiliaadores deste instituto, bem merecedor de todo o auxilio. A sua receita no referido anno foi de 3:409\$230 réis e a despeza de réis 3:199\$140, havendo o saldo de 210\$090 réis, o que mostra o acanhado desta util e benemerita instituição para o muito que precisa desenvolver-se.

Atelier Photo-Chimi-Graphico

P. MARINHO & C.ª

5, Calçada da Gloria, 5 — LISBOA
NUMERO TELEPHONICO, 1239

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia chromoypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

Loja Sol

V.ª SILVA SOUZA & C.ª

82, Rua da Assumpção, 82

TELEPHONE N.º 847

Canalisações

PARA

água, gaz
e esgotosINSTALLAÇÕES
ELECTRICASFOGÕES
a gaz e a petroleo

ESQUENTADOR

A

GAZOLINA

Privilegio da LOJA SOL

TUBOS
de chumbo e de borrachaLOUÇA
de ferro esmaltadoRETRETES, TINAS
E LAVATORIOSEsquentadores
a gaz
e a gazolinaVariado sortimento
de
candieitos de gaz
e suspensõesA. COUTO
ALFAYATE

Premiado na Exposição de Paris de 1900

Telephone 1815



Novas installações d'este atelier que está montado com todos os requizitos modernos e sortido com as ULTIMAS novidades de PARIS e LONDRES. Trajes de rigor, forrados a seda em casaca, sobrecasaca e smoking desde 30\$000 réis. Fatos dos melhores tecidos nacionaes desde 13\$000 réis e dos melhores tecidos inglezes desde 22\$000 réis. Ha sobretudoos feitos.

Rua do Loreto — Entrada pela Rua da Emenda, 118, 1.ª — LISBOA

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis



Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca
em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

PARA LEVANTAR
OU CONSERVAR
AS FORÇAS

Vinho Nutritivo de Carne de Pedro Franco & C.ª, Lisboa. Unico legalmente auctorizado pelos governos e auctoridades sanitarias de Portugal e Brazil e premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições. Centenares dos principaes medicos garantem a sua efficacia na *debilidade*, na *pobreza do sangue* (anemia), na *convalescença de todas as doencas* e sempre que é preciso *levantar as forcas*. É muito usado ao *lunch* e ao *toast* pelas pessoas de constituição fraca e pelas robustas, que tem excesso de trabalho intellectual ou physico. Um calix d'este vinho representa um bom bife. A venda nas pharmacias.

Capas para a encadernação
dos volumes do «OCCI-
DENTE»Em percalina com letras a ouro,
encadernação de luxoHa capas para todos os annos,
eguaes na cor para colleções.Capa 800 réis
Capa e encadernação 1\$200